



HUMANAS E SOCIAIS

ISSN IMPRESSO 2316-333X

ISSN ELETRÔNICO 2316-3828

# Entrevista | Prof. Dr. Marcos Palacios<sup>1</sup>

Entrevista concedida durante o Encontro de Produção e Difusão de

Ciência – 30 de maio de 2014 – às Professoras:

Elbênia Marla Ramos Silva<sup>2</sup>

e Cristiane Porto<sup>3</sup>

## ► **Professor, como o senhor descreve a humanidade de hoje diante da acirrada busca de resgate e preservação da memória?**

Vivemos uma situação em muitos aspectos paradoxal, quando consideramos a memória social na contemporaneidade. Por um lado, nunca na História da Humanidade se produziu e se armazenou tanta memória. As tecnologias digitais potencializaram enormemente a capacidade de cada ser humano de gerar, estocar e circular informação via redes. Igualmente potencializada está a capacidade de criação de registros digitais de nossa cultura, presente e passada, com a criação de arquivos de todos os tipos, museus e bibliotecas virtuais, coleções de filmes, músicas, fotografias, gravações em áudio. Por outro lado, vários riscos e problemas se colocam, como por exemplo: quem decide o que será arquivado, de que forma e com que direitos de acesso? Quem garante que esses arquivos estarão preservados no futuro? Não haveria o risco de uma infinita fragmentação das memórias, com a perda do que costumamos chamar memória social ou coletiva? Não corremos o risco de que memórias globais colonizem e canibalizem as memórias locais? Quem vai deter o controle sobre os registros pessoais que - a todo o momento - fazemos ao utilizarmos redes digitais?

Essa pegadas/memórias nos pertencem? Será possível recuperá-las no futuro? Será possível apagá-las, se assim o desejarmos?

## ► **O senhor estuda a questão do jornalismo e memória. O que mudou na memória do jornalismo com o webjornalismo?**

Principalmente, houve uma imensa potencialização das possibilidades de uso de memória. Um primeiro fenômeno importantíssimo está representado pela digitalização e disponibilização online dos arquivos de todos os grandes jornais e empresas de comunicação. Podemos hoje, com extrema facilidade, acessar a memória jornalística do mundo, regredindo pelo menos até o século XIX, quando os grandes jornais que ainda hoje são referências nacionais e internacionais passaram a circular em suas edições impressas. Além disso, as tecnologias digitais de bases de dados agilizam a recuperação de memória para utilizá-la na própria tessitura da informação jornalística, em seu próprio processo de produção. Estamos cada vez mais habituados a encontrar as notícias de cada dia associadas e notícias correlacionadas dos dias, meses e anos passados. O jornal de ontem é a notícia correlacionada de hoje, ou do próximo ano. Isso gera um jornalismo muito mais contextualizado.

Tenho dois artigos, tratando especificamente dessa temática e recomendo sua leitura. O primeiro deles fala da relação entre Jornalismo, Memória e História; o segundo situa um pouco a contribuição dos leitores para a criação da memória jornalística.

► **Como explicaria a evolução do jornalismo no momento pós internet Banda Larga?**

Acredito que temos dois momentos no Jornalismo da Internet: antes de depois da banda larga. Antes da banda larga o que tínhamos eram promessas de multimídia e esforços muito modestos de se explorar a interatividade, hipertextualidade, memória, atualização contínua e personalização, que sempre foram elencadas como ‘características’ definidoras do jornalismo digital em redes telemáticas. No entanto é com o advento e difusão da banda larga que essas potencialidades começaram de fato ser exploradas. Hoje temos um Jornalismo Digital em Bases de Dados, que só emergiu pós-banda larga. Nesse sentido a banda larga é um divisor de águas.

► **Esta internet banda larga trouxe consequências também na atuação do então apenas receptor, que passa a colaborar com a produção jornalística e consequentemente com a memória. O senhor mensura algum problema nesta liberdade de produção e divulgação?**

Certamente também se potencializa a participação do usuário, que passa agora a gerar e oferecer conteúdos não mais apenas no formato texto, mas também em forma de imagens e vídeos. Para isso concorre não somente a difusão da banda larga, mas igualmente a generalização das câmeras em telefones celulares. Essa participação ampliada gera uma série de questionamentos, pois afeta os ‘lugares de fala’. Ou seja: os polos de produção e recepção de mensagens deixam de ser fixos, como na era da comunicação massiva, e

o receptor passa a também produzir e disponibilizar – de modo crescente – informações que são incorporadas ao produto jornalístico. Essa mudança coloca diversas questões, que vêm sendo tratadas por analistas acadêmicos, por exemplo: essa produção do usuário pode ser considerada propriamente ‘jornalística’? Qual a diferença entre testemunho e produção de informação jornalística? Essa incorporação de Conteúdos Gerados por Usuários (CGU), muitas vezes sem checagens apropriadas de sua procedência e veracidade, não poderiam causar problemas de credibilidade para os veículos de imprensa? É ético que se aproprie e incorpore tais CGUs sem a devida retribuição financeira a seu produtor? Teremos o apropriado armazenamento dessas contribuições dos usuários, para que elas também façam parte da memória jornalística assim criada?

► **Com o Marco Civil o senhor acredita que este usuário será mais comedido em relação ao que publica na internet?**

Ainda é cedo para se afirmar que efeitos o Marco Civil terá sobre esses comportamentos ou mesmo sobre a atividade jornalística enquanto tal. Seja como for, o Marco Civil é um passo importante, que vem sendo discutido há muito tempo no Brasil e que agora aprovado está tendo repercussão mundial. O Marco Civil tem como um grande ganho para a sociedade o claro estabelecimento de princípios de neutralidade da rede. Ou seja, contrariamente a fortes interesses corporativos, ficou estabelecido que as informações que trafegam na rede devem ser tratadas da mesma forma, navegando à mesma velocidade. É um ganho político importante e deve dar alento à luta sempre contínua por livre acesso aos conteúdos da rede. Certamente teremos uma enxurrada de trabalhos acadêmicos nos próximos anos, monitorando efeitos do Marco Civil sobre diversos aspectos nossas atividades nas redes digitais, inclusive o jornalístico.

► **Em 2011 o senhor organizou um livro “Ferramentas para Análise de Qualidade no Ciberjornalismo”, qual o maior objetivo deste projeto?**

Trata-se de um projeto desenvolvido entre 2008 e 2011, financiado pela CAPES e pelo Ministério da Educação da Espanha, envolvendo sete universidades brasileiras e sete espanholas para estudos comparativos do Ciberjornalismo. Eu fui o coordenador do projeto, juntamente com o Prof. Javier Diaz Noci, da Universitat Pompeu Fabra, de Barcelona. O livro é um dos produtos desse convênio de colaboração. Trata-se de uma coletânea de ferramentas para a análise de diversos aspectos do jornalismo nas redes, tais como interatividade, multimídia, memória, uso de bases de dados, dentre outros. O livro é apresentado como uma ‘caixa de ferramentas’, ou seja, o leitor é convidado a se apropriar das ferramentas que lhe interessarem, modificando-as à vontade, para adequá-las aos usos específicos que queira fazer em suas investigações ou em trabalhos de consultorias a empresas jornalísticas.

► **Hoje, quais os resultados de mensuração que obtiveram com o uso dessas ferramentas?**

O livro foi muito utilizado na produção de vários artigos e trabalhos acadêmicos em cursos de pós-graduação. Os resultados obtidos pelo emprego das ferramentas, a estas alturas, escapam de nosso controle e fica-nos a satisfação de termos colocado em circulação um aporte metodológico que vem sendo apropriado e utilizado por pesquisadores da área.

► **Em relação ao tema da palestra, como o senhor explicaria esta relação entre a informação líquida e o papel do pesquisador contemporâneo?**

Em linhas gerais, posso dizer que considero que algumas vezes se faz um uso exagerado das metáforas de ‘liquefação’. Virou moda dizer que tudo agora é ‘líquido’. Uma metáfora pode ajudar a pensar, mas não podemos permitir que ela pense por nós.

► **Como o senhor se posiciona ante a acirrada exigência de publicação por parte dos órgãos de fomento e avaliação da pesquisa no Brasil?**

Creio que primeiramente é necessário que se distinga produção de produtivismo. Produção e divulgação de resultados (tanto no âmbito da difusão, quanto da divulgação científica) são obrigações do pesquisador, que, majoritariamente, atua apoiado por verbas públicas e que, portanto, tem contas a prestar à sociedade. Há muita gente criticando o ‘produtivismo’ e quando vamos examinar seus currículos não encontramos vestígios de qualquer tipo de produção acadêmica digna desse nome. Não vejo como pessoas em tais circunstâncias possam ser consideradas interlocutores válidos nesse debate. Por outro lado, é inegável que vem crescendo a pressão para que se produza cada vez mais, como também é verdade que as avaliações dos pesquisadores e dos cursos de pós-graduação são ainda hoje fundamentalmente quantitativas, com poucos elementos de cunho qualitativo fazendo parte dos processos de julgamento. É necessário que a comunidade acadêmica se debruce sobre tais problemas, buscando formas de ajustar e complexificar tais mecanismos, tornando-os mais qualitativos e evitando pressões que possam comprometer a qualidade daquilo que se produz. É necessário, igualmente, que tenhamos em conta o enorme avanço de nossa pesquisa e pós-graduação nas últimas três décadas, com a decisiva participação das agências de fomento federais e estaduais, sem esquecermos que os processos de avaliação são centrais nesses avanços e em sua consolidação. Cabe a nós enquanto pesquisadores e às associações acadêmicas que nos representam aperfeiçoá-los e propor correções de rumos.

1. Doutor em Sociologia - University of Liverpool Professor Titular de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia e Professor Catedrático Visitante na Universidade da Beira Interior (Portugal) Pesquisador 1A do CNPq. E-mail: marcos.palacios@gmail.com
2. Jornalista, mestre em Educação, Professora preceptora do curso de Comunicação Social. E-mail: elbenia\_marla@unit.br
3. Doutora Multidisciplinar em Cultura e Sociedade - Ufba. Mestre em Letras - Ufba. Professora Plena do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tiradentes - Unit. Líder e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologias da Informação e Cibercultura - GETIC Unit/CNPq e pesquisadora do Grupo Comunicação, Educação e Sociedade - GECES/Unit/CNPq. E-mail: crismporto@gmail.com